

ENCANTADOR DE PALAVRAS

A reportagem de O TEMPO conviveu durante dias com Manoel de Barros, na casa onde o poeta vive em Campo Grande e na fazenda de sua propriedade, em Cornúbia, no Mato Grosso do Sul. Ignorado durante décadas, o poeta passa de autor "cult", restrito a pequenos círculos de admiradores, a fenômeno editorial. Ainda este mês, chega às livrarias seu novo livro, "Retrato do Artista Quando Gosta" (Record), ao qual o Magazine teve acesso com exclusividade.

PÁGINAS 3, 4, 5 e 6



FOTO: VERA GONÇALVES

de agramática"). Convertera-se numa das grandes influências sobre o menino "bugre" vindo das brenhas do sertão mato-grossense, com quem mantinha longas conversações nas tardes inúteis de domingo. Manoel adquiriu o gosto de ler, mas, apesar de a biblioteca do colégio ser variada, os padres exerciam censura sobre as leituras dos alunos. "Tinha Eça de Queirós e outros grandes autores, mas a gente só podia ler *Winnetou* e alguns livros de aventura."

Terminados os estudos secundários, Manoel viu-se livre na cidade grande para a aventura existencial da juventude. Ingressou na Faculdade de Direito de Niterói, mas não frequentava assiduamente as aulas. Preferia enfiar-se na Biblioteca Nacional, onde, fascinado pela diversidade e riqueza de conhecimentos acumulados nas estantes, passava tardes inteiras devorando seus autores favoritos. "Eu vivia com mesada de meu pai e não tinha dinheiro para comprar livros, mas lia fluentemente o francês graças aos ensinamentos do padre Antoine." Saciou amplamente sua curiosidade intelectual, lendo desde os clássicos da filosofia iluminista – Rousseau, Montesquieu, Voltaire – até os românticos, mas também os autores que haviam renovado a poesia moderna – Baudelaire, Arthur Rimbaud, Stephanie Mallarmé, o conde de Lautreamont.

E foi tomado de encantamento pela obra do padre Antonio Vieira, "que foi meu grande professor", confessa. "Com Vieira aprendi que o mais importante não é o que se diz, mas a forma como se diz." Manoel já rabiscava seus versos desde o colégio – havia composto um conjunto de sonetos de inspiração mística dedicados à Virgem Maria, reunidos em um caderno sob o título *Nossa Senhora da Escuridão* – e agora se sentia ainda mais capaz de fazer o que gostava: poesia. "Sempre tive essa tara, ela nunca me abandonou nem um só dia da minha vida." Uma hora decisiva se aproximava: até mesmo um curso universitário feito sem muita convicção, gazeteando aulas, chega ao fim um dia. E agora, Manoel?

SOBREVOANDO O PANTANAL

Já bem cedo, o carro vem nos buscar no hotel. A fotógrafa Vera Gonçalves e eu já estamos a postos. Seguimos para o aeroporto, nós dois e Manoel de Barros acompanhados por um amigo e o filho de Manoel, João, um advogado de uns 40 anos, seu sócio nos negócios da fazenda.